
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL: LEONARDO ARROYO E CECÍLIA MEIRELES

Márcia Cabral da Silva^(*)

O livro de ficção para crianças no Brasil emerge em fins do século XIX na condição de objeto híbrido, conforme resultados de pesquisas destacadas no âmbito da historiografia da literatura infantil. Livro para se ler, segundo o gosto da criança, ou livro para se ensinar a ler, circunscrito pela visão dominante de adultos e pedagogos? Trata-se de ambivalência nuclear que demarca o campo em seus primórdios e permanece, notadamente, atual. De modo a se refletir sobre o assunto em perspectiva histórica, adotou-se, nos limites deste estudo, revisão conceitual em diálogo com Leonardo Arroyo e Cecília Meireles, os quais, a nosso ver, promovem inflexões expressivas na historiografia do livro de ficção para crianças no Brasil.

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: CONCEITOS E PROBLEMAS À LUZ DO ESTUDO DE LEONARDO ARROYO

Nessa linha de consideração, a pesquisa desenvolvida por Leonardo Arroyo, publicada em primeira edição em 1968¹, e baseada em fontes documentais as mais diversas, como catálogos, livros de memórias, relatos, dentre outras, deve ser considerada. Em que pese a dificuldade em se localizar catálogos de editoras, cuja preservação tem sido com frequência negligenciada nos acervos do país, o estudioso pôde suprir esse tipo lacuna apoiando-se em depoimentos memorialísticos, ensaios sociológicos e, nos limites de seu inventário, no exame dos livros infantis que pôde localizar. A metodologia, embora apresente alguns hiatos, como, por exemplo, a ausência de uma antologia de textos ficcionais infantis, a avaliação de obras contemporâneas à época da escrita do

^(*) Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no curso de graduação e no Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História; coordenadora do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação. marciacs@ism.com.br

¹ ARROYO. L. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e fontes*. 1ª edição. S.P: Melhoramentos, 1968, com ensaio introdutório de Manoel Bergström Lourenço Filho (integrava a série grandes textos da Coleção Biblioteca da Educação); ----- *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e fontes*, 2ª edição. S.P: Melhoramentos, 1988; ----- *Literatura infantil brasileira*. 3ª edição revista e ampliada. Apresentação de Maria do Rosário Longo Mortatti. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Este estudo baseia-se na primeira e na última edição.

autor, teve o mérito de indicar fontes preliminares, para que outros estudos no campo pudessem ocorrer posteriormente².

As reminiscências das leituras da infância de Manuel Bandeira³, registradas em *Itinerário de Pasárgada* (BANDEIRA, 1954), é um exemplo interessante de como a metodologia selecionada por Leonardo Arroyo pode contribuir na recuperação de fontes documentais de outros tempos:

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias da carochinha. No Recife, depois dos seis anos. Pelo menos me lembro nitidamente do sobressalto que me causava a cantiga da menina enterrada viva no conto “A madrasta”(…). Procuo me lembrar de outras impressões poéticas da primeira infância e eis que me acodem os primeiros livros de imagens: *João Felpudo*, *Simplício olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*. Sobretudo este último teve influência muito forte em mim; por ele adquiri a noção de haver uma realidade mais bela, diferente da realidade quotidiana, e a página do macaco tirando cocos para os meninos despertou o meu desejo de evasão. No fundo, já era Pasárgada que se anunciava. (9-11)

Verificam-se no relato do poeta elementos relevantes para a compreensão da mencionada metodologia: de um lado, acentua-se o resgate das influências extraídas da tradição oral e dos tipos de livro infantil que circulavam na sociedade da época: *João Felpudo*, *Simplício olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo numa casquinha de noz*. Em acréscimo, observam-se as impressões rememoradas sobre a experiência com a literatura na visão de uma criança: (...) “adquiri a noção de haver uma realidade mais bela, diferente da realidade quotidiana, e a página do macaco tirando cocos para os meninos despertou o meu desejo de evasão”. Não bastasse o desenho das impressões delineado, o depoimento faculto, de outra parte, a possibilidade de se refletir sobre formas de apropriação do material literário por parte do pequeno leitor em formação: a leitura causava-lhe medo, desejo de evasão, impressões poéticas. Acentua-se, pois, perspectiva cara aos estudos de sociologia da leitura tanto quanto à história cultural no que diz respeito às possibilidades de apropriação dos impressos.⁴

² O estado da arte sobre conceitos a respeito da historiografia da literatura infantil brasileira é vasto. Nos limites deste estudo, remeto a alguns desses estudos que guardam filiação estreita com a matriz inaugurada por Leonardo Arroyo. LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. Um Brasil para crianças. para conhecer a literatura infantil brasileira: História, histórias autores e textos. São Paulo: Global, 1986; Literatura infantil brasileira: história e histórias. São Paulo: Ática, 1994; COELHO, N.N. Panorama Histórico da literatura infantil brasileira. São Paulo: Ática, 1991, visto que trazem referências explícitas ancoradas na pesquisa do autor.

³ Manuel Carneiro Sousa Bandeira Filho (Recife, 19 de abril de 1886 – Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1968).

⁴ Dentre os trabalhos que tratam do conceito de apropriação relativo ao impresso, observam-se, em particular, os estudos de CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand

Estabelecida a metodologia para a coleta dos dados, o estudioso detém-se, em seguida, nas reflexões sobre a gênese do livro infantil no mundo ocidental. Anotaria a esse respeito premissa curiosa. A seu ver, questões relativas à filiação das histórias ou mesmo os temas já estariam bem equacionadas do ponto de vista de uma tentativa de sistematização. Entretanto, a complexidade ainda permanecia à época em grande medida circunscrita ao delineamento técnico-pedagógico relativo à literatura infantil, por sua condição afeita a mudanças no espaço e na cultura humana.

Note-se, ainda segundo o estudioso, que, se observadas as edições modernas de *As mil e uma noites*, dos contos clássicos, os temas parecem não sofrer grandes variações. No entanto, o tratamento, o estilo, o modo de se contar guardariam estreita associação com a concepção de infância em voga e mesmo com os valores postos a serviço de sua educação. Essa, sim, pode ser pensada como a dimensão mais complexa relacionada à definição de literatura infantil. Em que medida pode-se conciliar fruição, entretenimento com ordenamento e moralização? Como a escola, instituição, cujos pressupostos baseiam-se, em grande medida, em educar a criança para responder aos valores vigentes, lograria emancipá-la, consoante a perspectiva estética, conforme percebia Manuel Bandeira apoiado em sensibilidade própria da criança, ao se confrontar com as primeiras leituras de sua infância?

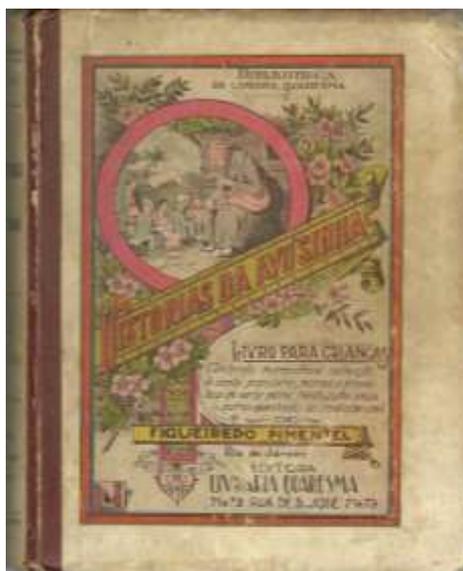
Os laços estreitos entre material literário e destinação instrutiva não é questão de somenos, quando observadas as primeiras décadas do período republicano. Momento em que se acompanha uma circulação em ascendência do livro ficcional destinado às crianças no Brasil a par de um ideário civilizador apoiado, em grande medida, na instrução. Para ficar em um estudo de caso que põe em cena literatura infantil e mercado editorial sob a égide do binômio entreter e instruir, note-se a Biblioteca Infantil produzida pela Livraria Quaresma Editora ⁵.

Bibliotheca da Livraria Quaresma

Histórias da Avósinha. Livro para crianças. Contendo maravilhosa coleção de contos populares, moraes e proveitosos de vários paizes, traduzidos uns, e outros apanhados da tradição oral. (1936)

Brasil, 1990, ----- (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, -----A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. Brasília: Ed. da UnB, 1999 ; CERTEAU. M. *A invenção do cotidiano*. Artes do Fazer. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991; SILVA, M. C. da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

⁵ A respeito da relevância dos livros que circularam pela editora destinados tanto às crianças como ao povo, conferir, em especial, o estudo de EL Far (2004). Sobre a importância do projeto mais amplo da Livraria Quaresma Editora, verificar, em acréscimo, Hallewell (1985).



Histórias da Avósinha, Rio de Janeiro,
Editora Livraria Quaresma, 1936

A Livraria Quaresma Editora ou Livraria do Povo (Rua São José, 65/67) destacava-se no último quartel do século XIX pela produção de livros baratos para o povo, assim como de livros para crianças, contos adaptados para a realidade brasileira, de conteúdo moral, histórias proveitosas e piedosas de vários países, traduzidas umas e outras colhidas da tradição oral. A primeira ocorrência desses livros localizada no periódico *O Paiz* em 1894 consiste em um título: *Contos da Carochinha*. No curto espaço de dois anos, contudo, registram-se, no mesmo periódico, reedições de *Contos da Carochinha*, notas críticas sobre o projeto editorial e o lançamento de outros títulos: *Contos da Avozinha*, *Histórias do Arco da Velha*, *Os Meus Brinquedos*, *Histórias da Baratinha*. De tal modo, em novembro de 1896, já não se registram apenas anúncios contendo títulos avulsos. A livraria Quaresma Editora anuncia naquele momento uma completa biblioteca: “*Bibliotheca Infantil, dedicada especialmente às crianças*”.

Para dirigi-la, o português Pedro da Silva Quaresma convidou o jornalista e escritor Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914)⁶. Do ponto de vista das ilustrações, contou com a colaboração do destacado desenhista e caricaturista Julião Machado⁷, como se lê na folha de rosto de *Histórias da*

⁶ O jornalista e escritor não era um mero desconhecido, visto que em 1893 lançara um livro com viés sensacionalista *O Aborto*, considerado leitura para homens, e mais tarde, em 1907, *passa a* escrever a seção *Binóculo* para o periódico *Gazeta de Notícias*, atividade que parece consagrá-lo cronista social de seu tempo. Conferir em Menezes (1969).

⁷ Julião Machado (J. Félix. M, São Paulo de Luanda, Angola, 1863 – Lisboa, Portugal, 1930), desenhista e caricaturista ativo no Rio de Janeiro entre 1894 e 1920. Na sua obra, Herman Lima (1963), faz-lhe, entre outras, as seguintes referências: “Julião foi, na verdade, quem trouxe ao humorismo nacional o gosto pelo desenho decorativo e pela legenda de espírito, de cunho eminentemente francês, pois a sua tendência sempre foi mais para a crítica psicológica, de fundo intelectual, do que para a pura deformação física da humanidade. Foi, também, o primeiro a adotar, nas suas

Avósinha (1936): “obra ilustrada com 131 gravuras desenhadas por Julião Machado”. O intelectual lançava-se, pois, na adaptação e organização de uma biblioteca para crianças com livros que foram reeditados pela Quaresma até os anos de 1960.

A destinação dos livros para os pequenos leitores aparece reiterada pelo subtítulo inserido na capa e na folha de rosto de *Histórias da Avósinha* (1936): “livro para crianças”. A partir do estudo desenvolvido por Arroyo (1968, 2011), sabe-se dos enredos extraídos da tradição oral, dos contos populares. De que forma a destinação, então, facultaria um modo especial de tratamento à matéria literária? Vamos encontrar indícios importantes desde o prefácio da primeira edição de *Histórias da Avózinha* datada de 1896, ou seja, considerada a edição de 1936 examinada nos limites deste estudo, já se passam mais de três décadas de laços ainda bem firmes entre fruir e moralizar via arte literária destinada à infância, como se pode ler no:

Prefácio da 1ª edição

Pela terceira vez editamos um livro de contos para crianças. Animou-nos tal cometimento o extraordinário sucesso dos anteriores – *Contos da Carochinha e Histórias do Arco da Velha* – que obtiveram êxito extraordinário, raro, nos annaes da livraria brasileira. Em verdade, ambos esses livros – dizemol-o com orgulho – vieram preencher sensível lacuna: nelles estão reunidos muitissimos contos populares, que andavam espalhados exclusivamente na tradição oral, passando de geração em geração, sem no emtanto nunca haverem sido colleccionados e escriptos. Continuamos hoje a série tão auspiciosa e brilhantemente encetada, publicando este terceiro volume – *Histórias da Avósinha* (...). *As crianças brasileiras, ás quaes destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas Histórias da Avósinha agradável passatempo, alliado a lições de moralidade, porque taes contos , aparentemente frivolos, encerram sempre um fundo moral e piedoso.*(PIMENTEL, 1936, p.9-10). (grifos nossos).

Para além das lições de moralidade explícitas no endereçamento às crianças brasileiras, há de se interrogar, por outro lado, como os contos populares acentuados na perspectiva da tradição delineada no estudo de Leonardo Arroyo (1968, 2011), passados de geração em geração, com feição e marcas de oralidade, configuraram-se em matéria escrita e em suporte tão diferenciado como aqueles circunscritos pelas fisionomias dos contos orais. Os temas clássicos são, de início, adaptados nos títulos com referência aos bons juízes ou aos meninos exemplares, à magia e ao encanto como esteios da boas ações; das fábulas, como da onça e da raposa ou do cágado e do

publicações, os processos gráficos do zinco e da fotografia, abrindo assim novos e mais amplos horizontes ao periodismo humorístico e elegante do Brasil”.

urubu, como uma lição de vida, a ser considerada⁸. A título de exemplificação desse tipo de ideário em *Histórias da Avozinha*, observe-se o curto conto a seguir:

O PAI e O FILHO

Numa terra selvagem havia o bárbaro costume de levarem os filhos os pais para o matto quando ficavam velhos e já não podiam mais trabalhar, para os deixar morrer de fome. Um dia, um rapaz, seguindo aquella tradição, carregou com o pai ás costas, e foi abandoná-lo no matto. Chegando ahi, como tinha bom coração, deixou-lhe uma capa, a fim de o resguardar do frio. –Tens ahi uma faca, rapaz? perguntou-lhe o velho, quando o filho se ia retirando. –Tenho, sim, senhor. Para que? – É para cortar um pedaço desta capa, afim de servir para ti, quando teu filho te trouxer. O rapaz ficou commovido, reconsiderou o seu acto, e trouxe outra vez o pai, acabando assim com tão malvado costume. (PIMENTEL, 1936, p.318)

Em realidade, os textos ficcionais adaptados para a infância à época pela Livraria Quaresma Editora, examinados no livro *Histórias da Avósinha (1936)*, são traduções bem-sucedidas de contos populares ou histórias curtas inventadas, que visavam a estimular a imaginação. São eloquentes os relatos memorialísticos que falam de evasão, como as memórias de Manuel Bandeira, registradas em *Itinerários de Pasárgada*, indicam.

No entanto, as adaptações dos contos não perdiam de vista, do mesmo modo, a associação do divertimento com os preceitos morais, como podemos identificar na conclusão do pequeno conto examinado: “O rapaz ficou comovido, reconsiderou o seu acto, e trouxe outra vez o pai, acabando assim com tão malvado costume”. Segundo essa perspectiva, os temas, o enredo e os personagens eram também delineados à luz de uma estética de cunho moral. Em um momento de formação da identidade nacional, como identificado na passagem do século XIX ao XX (HANSEN, 2011), tratava-se de erigir a noção de pátria à luz das civilizações ilustradas e letradas, a ser construída por

⁸ O livro examinado contém o seguinte conteúdo, identificado no índice organizado e inserido ao final dos contos : prefacio da nova edição, p.5; prefacio da 1ª edição, p.9; O companheiro de viagem, p.11; O avô e o netinho, p.29; O soldado e o diabo, p.33; O violino magico, p.39; O miudinho, p.43; O sargento verde, p.49; O patinho aleijado, p.55; O besouro de ouro, p.63; O moço pellado, p.73; Os três cavalos encantados, p.83; Historia de um pintinho, p.93; O papagaio dourado, p.101; O moleque de carapuça dourada, p.111; A onça e o cabrito, p.123; O afilhado do diabo, p.131; O príncipe enforcado, p.141; A princesa dos cabelos de ouro, p.151; O peixe encantado, p.175; O pássaro mavioso, p.183; Joaquim, o enforcado, p.189; O príncipe Querido, p.199; O anjo da guarda, p.215; A casa de maribondos, p.223; O macaco e o moleque, p.227; O bom juiz, p. 231; A moça encontrada no mar, p.233; As três princesas encantadas, p.241; Os anões magicos, p. 247; Aventuras de um jabuty, p.255; A gatinha branca, p.259; O dr. Grillo, p.277; O grande advogado, p.281; Os anõesinhos feiticeiros, p.285; A casa mal assombrada, p.291; Aventuras do Zé Gallinha, p. 295; O kagado e o urubu, p.307; A princesa adivinha, p.311; Os três ministros, p. 315; O pai e o filho, p.318; A rainha das aguas, p.319; A moça do lixo, p.331; A velha feiticeira, p.335; A sapa casada, p.341; A onça e a raposa, p. 347; O annel magico, p.349; Um raio de sol, p.355; A faquinha e a bilha quebrada, p. 361; A burra e o seu burrinho, p.369; O vestido rasgado, p.381; A alma do outro mundo, p.387.

futuros adultos, em uma palavra, por crianças brasileiras leitoras e em formação. Em razão desse projeto, Figueiredo Pimentel advertia os adultos - pais e os professores:

As crianças brasileiras, às quais destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas *Histórias da Avósinha* agradável passatempo, aliado a lições de moralidade, porque tais contos, aparentemente frívolos, encerram sempre um fundo moral e piedoso. (PIMENTEL, 1936, p.318)

O tratamento dado aos livros destinados às crianças pela Livraria Quaresma Editora ilustra parte das dificuldades de conceituação associadas ao livro de ficção infantil na primeira metade do século XX e aos problemas epistemológicos relativos ao campo de estudo com os quais se deparou Leonardo Arroyo, assim como a crítica de seu tempo.

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: A VISÃO DE CECÍLIA MEIRELES⁹

Por outro lado, as conferências proferidas por Cecília Meireles para os professores e reunidas em livro nos anos de 1950 sob o título *Problemas da Literatura Infantil* concorrem para noções originais, com vistas a ampliar o exame. Merece observação o preâmbulo, por meio do qual iniciava suas reflexões inspirada por emblemáticos ideais humanistas:

Se em tal assunto pudesse a autora exprimir alguma aspiração, talvez fosse a da organização mundial de uma Biblioteca Infantil, que aparelhasse a infância de todos os países para uma unificação da cultura, nas bases do que poderia chamar um “humanismo infantil”. Na esperança de que, se todas as crianças se entendessem, talvez os homens não se hostilizassem. (MEIRELES, 1984, explicação prévia)

⁹ Importa destacar a participação de Cecília Meireles em diversas esferas culturais e educativas. Assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932; de 1930 a 1933 escreveu crônicas e dirigiu a Página da Educação do Diário de Notícias; criou a primeira biblioteca infantil no Pavilhão Mourisco em 1934. Integrou também a Comissão Nacional do Livro Infantil, criada em 1936, junto com professores e intelectuais durante a gestão do ministro de Educação e Saúde Gustavo Capanema. Essa trajetória facultou à escritora lugar de destaque nos debates relativos à cultura e à educação por mais de três décadas. Dentre outros levantamentos biográficos, conferir LÔBO, Y. L. Verbete Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVERO, M. de L. de A.; BRITTO, J. de M. *Dicionário de Educadores no Brasil*. 2ed. aumentada. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002, p.237-247. Sobre a CNLIJ, conferir em SANTOS, A. C. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936-1938)*. Dissertação de Mestrado. UFRJ/IH/PPGHIS, 2011, 153 páginas. Sobre contribuições de Cecília Meireles para a historiografia da literatura infantil, ver, em especial, SILVA, M.C. da e SANTOS, A.C. *Por que ler literatura infantil? Conceitos e abordagens à luz das contribuições de Cecília Meireles (1930-1951)*. Linha Mestra, ALB, v.1, p.311-317, 2014 e, para participação de Cecília Meireles no campo da cultura, ver, em particular, ALMEIDA, P. V. L. de. *Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933)*.

Por meio desse estudo, a autora indicaria fontes semelhantes às apontadas por Leonardo Arroyo, acentuando, de um lado, a literatura oral, os contos clássicos e, de outro, acrescentaria a possibilidade de se postular a universalização da arte literária destinada à criança.

Tudo quando se aprendia por ouvir contar, hoje se aprende pela leitura. E, examinando-se boa parte dos livros – ainda os melhores – que as crianças utilizam, aí encontramos as histórias da carochinha que pertencem ao tesouro geral da humanidade: as mil e uma noites, as grandes narrativas que embalam a antiguidade, como essa do Marinheiro Simbad – os contos que Perrault, Mme. d’Aulnoy, os irmãos Grimm recolheram, histórias vindas de outras coleções, fragmentos de epopeias – tudo se comprime nesses livros, aproximando tempos e países, permitindo o convívio unânime dos povos, em poucos volumes. (MEIRELES, 1984, p.50).

No que diz respeito à conceituação da matéria, sublinha uma vertente bastante original para época no que diz respeito à posição da criança.

(...) em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. (MEIRELES, 1984, p.30)

A originalidade residia, portanto, em certa inversão de domínio sobre o gosto. Afinal, por mais de meio século no Brasil, o material literário destinado às crianças passara pela avaliação dos adultos, que adaptavam conteúdos, temas, suportes e valiam-se de um *status* de subordinação do gosto dos pequenos leitores.

No entanto, Cecília Meireles, em suas conferências para os professores, advogava uma inversão importante, ou seja, a necessidade de fazer avançar o debate por meio do exame da recepção das obras pelo leitor criança. Necessário lembrar que a ideia de inquéritos, entrevistas relativos às primeiras experiências de leitura literária já fora pensada por outros estudiosos.¹⁰ Entretanto, a sistematização dos resultados e mesmo a incorporação desses dados à historiografia do

¹⁰ cf: SENNA, Homero. República das Letras, 20 entrevista com escritores. 2 edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968. No prefácio à primeira edição, Leonardo Arroyo (1968), cita importante trabalho de atualização realizado por Lenyra C. Fraccaroli, Bibliografia de Literatura infantil em língua portuguesa, que abrange até o ano de 1951. Neste trabalho, registram-se obras, autores, sínteses temáticas e determinação da idade da criança a que se destina o livro. Segundo Leonardo Arroyo, essa idade foi aferida pela média obtida das idades das crianças que leram cada um dos exemplares referidos na bibliografia. Em acréscimo, registre-se um inquérito sobre leituras infantis que contribuiu para a fundação da primeira biblioteca pública infantil (Biblioteca do Pavilhão Mourisco). A esse respeito, conferir estudo de PIMENTA, J. S. *Leitura, arte e educação: a biblioteca do pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Curitiba, Paraná: CRV, 2011.

livro infantil não parecem ter sido disseminados, de modo a promover inflexões expressivas na área.

O debate original proposto por Cecília naquela ocasião elevava ainda mais a condição da criança como leitora proficiente. Note-se que, ao recuperar a qualidade dos textos tradicionais adaptados para as crianças, destacaria no quadro do século XIX *Alice nos país das maravilhas e Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll, como textos dos mais interessantes. A seu ver, o autor do clássico não apenas inseriu elementos do maravilhoso, visto que Charles Perrault, Hans Christian Andersen e os irmãos Grimm já haviam recuperado elementos mágicos de modo original. Não obstante a tradição crítica, o que mais lhe chamava a atenção nas histórias de Alice eram as passagens filosóficas, o uso frequente do *nonsense*, com possibilidades de inquietar adultos e crianças.

De modo a valorizar o lugar reservado à criança relativamente àquele material, a escritora sublinhava, pois, que a qualidade da obra de Lewis Carroll passara pela avaliação da criança no momento de sua produção. E acentuava:

Antes de ser escrito, o livro de Lewis Carroll foi uma história falada. Contada diretamente a três meninas. Pode-se presumir que elas colaborassem na narrativa, como costuma acontecer em tais casos, e ajudassem, com suas perguntas e observações, a estabelecer o enredo e a desenvolvê-lo. (MEIRELES, 1984, p.110)

À metodologia proposta por Leonardo Arroyo, com vistas a recuperar material literário que divertiu e educou gerações de crianças, na passagem do século XIX ao XX e ao longo do XX, acrescentam-se as conferências da escritora Cecília Meireles.

Com Leonardo Arroyo revisitam-se os livros clássicos a par dos contos extraídos da literatura oral, os quais conformaram o campo da literatura infantil no Brasil. Além disso, a metodologia selecionada por ele, com base nos estudos culturais, auxilia, sobretudo, a compreender formas de apropriação do material ficcional de outros tempos, gestos tão difíceis de serem recuperados, como apontam estudos na área da história da leitura (CHARTIER, 1990, 1996, 1999). Manuel Bandeira, em *Itinerário de Pasárgada*, contribui, em especial, para a compreensão de como os textos memorialísticos facultam a recuperação de leituras da infância afastadas do nosso presente, como os livros *João Felpudo*, *Simplício olha pro ar*, *Viagem à roda do mundo em uma casquinha de noz* permitem-nos avaliar.

Cecília Meireles, por sua vez, dirige-se aos professores para manifestar sua compreensão sobre a importância dos livros ficcionais infantis na formação cultural e estética da criança. Os contos extraídos da tradição oral parecem ser o ponto de convergência entre os dois estudiosos,

visto que, no delineamento do que podemos designar como fundamentos históricos da literatura infantil, há de se considerar, com especial relevo, as adaptações dos elementos próprios da tradição oral para os livros ficcionais destinados às crianças em contexto brasileiro. Verifica-se ainda em diálogo com a autora a necessidade de se levar em consideração o ponto de vista da criança, seja na produção dos livros, seja no momento da apropriação da leitura. Note-se que, na visão de Cecília, há de se avaliar a qualidade da produção literária infantil segundo a apreciação dos destinatários, no caso em exame, o leitor criança.

Se, por um lado, os estudos desenvolvidos por Leonardo Arroyo e Cecília Meireles já forneceram rica matéria para a escrita da historiografia da literatura infantil no Brasil, por outro, não nos parecem fontes esgotadas. Importante assinalar, inclusive, sua condição de estudos clássicos no campo da crítica de literatura infantil no Brasil. Nas palavras de Ítalo Calvino (1993), “Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos sobre si, mas continuamente as repele para longe.”(p.12)

Espera-se, por último, indicar com este estudo contribuições adicionais para a historiografia da literatura infantil no Brasil, assim como para o debate antigo e tão contemporâneo que coloca em cena a criança, o livro de ficção infantil e sua educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. V. L. de. *Crônicas de Cecília Meireles: leitura e literatura em prol da renovação educacional (1930-1933)*. Dissertação de Mestrado. Proped/UERJ, 2014, 186 páginas.
- ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira: Ensaio de preliminares para a sua História e suas fontes*. Biblioteca de Educação. Direção de Lourenço Filho. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.
- _____. *Literatura infantil brasileira*. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BANDEIRA, M. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1954.
- CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1991
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *Práticas da Leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. *A ordem dos Livros: Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de São Paulo, 1999.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.
- EL FAR, A. *Páginas de sensação*. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras.
- HALLEWELL, Laurence *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queirós; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Uma Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: História, histórias autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

_____. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Volume 1, Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LÔBO, Y. L. Verbete Cecília Benevides de Carvalho Meireles. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil*. 2ed. aumentada. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002, p.237-247

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

MENEZES, R. de. *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*. Sob o patrocínio do INL. Prefácio do Prof. Antônio Cândido da Universidade de São Paulo. Volume IV. São Paulo: Saraiva Livreiro Editores, 1969.

PIMENTA, J. S. *Leitura, arte e educação: a biblioteca do pavilhão Mourisco (1934-1937)*. Curitiba, Paraná: CRV, 2011.

PIMENTEL, F. *Histórias da Avósinha*. Bibliotheca da Livraria Quaresma. Nova Edição. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma Editora, 1936.

SANTOS, A. C. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936-1938)*. Dissertação de Mestrado. UFRJ/IH/PPGHIS, 2011, 153 páginas.

SENNA, H. *República das Letras, 20* entrevista com escritores. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968.

SILVA, M. C. da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

_____; SANTOS, A.C. *Por que ler literatura infantil? Conceitos e abordagens à luz das contribuições de Cecília Meireles (1930-1951)*. Linha Mestra, ALB, v.1, p.311-317, 2014.

RESUMO

O livro de ficção para crianças é de difícil conceituação. Na historiografia da literatura infantil no Brasil, por um lado, tem sido identificado como livro para instruir; por outro, visto como potencial objeto de entretenimento. De modo a se refletir sobre essa ambivalência em perspectiva histórica, adotou-se revisão conceitual em diálogo com estudiosos que se debruçaram sobre o assunto e indicaram inflexões relevantes para o campo de estudo. A pesquisa, desenvolvida por Leonardo Arroyo, publicada em 1968, baseada em fontes documentais as mais diversas, como catálogos, livros de memórias, relatos é um marco importante. Em acréscimo, as conferências proferidas por Cecília Meireles e reunidas em livro nos anos de 1950 sob o título *Problemas da Literatura Infantil* concorrem para noções originais, com vistas a ampliar o exame.

Palavras-chave: Livro de ficção. Crianças. Leonardo Arroyo. Cecília Meireles.

ABSTRACT

The fiction book for children is a difficult concept. In the history of children literature in Brasil, on the one hand, it has been thought as text book to instruct; on the other hand, it has been seen as a potential object of entertainment. In order to reflect on this ambivalence in historical perspective, on adopted, within the limits of this study, a conceptual review in dialogue with scholars who have studied the issue and indicated relevant inflections to the field of study. In this perspective, the research developed by Leonardo Arroyo based on the most diverse documentary sources such as catalogs, memoirs, reports shows up fruitful. On the other hand, the lectures given by Cecilia Meireles gathered into a book in the 1950s under the title *Children's Literature Problems* compete for original concepts, in order to broaden the examination.

Keywords: Fiction book. Children. Leonardo Arroyo. Cecília Meireles.

Submetido em: dezembro de 2014

Aprovado em: abril de 2015